

Línguas InCast: dialogando experiências sobre ensino, aprendizagem e aquisição de línguas

Raquel Fernandes Santos Silva
Stefany Silva Ramos Coutinho*

Resumo: A maioria dos gêneros textuais que visam divulgar conteúdos sobre ensino, aprendizagem e aquisição de línguas são artigos, livros, resenhas, entre outros, os quais dificultam, às vezes, o acesso da comunidade a tais informações de maneira rápida. Nesse sentido, o presente artigo objetiva relatar uma atividade de extensão sobre a criação de um *videocast*, nomeado como “Línguas InCast”, para divulgar as temáticas já mencionadas. É de nossa intenção utilizar desse recurso para tratar desses temas de notória relevância de uma forma mais dinâmica e lúdica. Esta atividade é vinculada ao Babel: programa de extensão de línguas da UFRB, onde um dos objetivos é difundir o ensino e promover a formação inicial e continuada de professores de línguas. No caso do “Línguas InCast”, foram convidados professores e pessoas do público em geral que possuem diferentes experiências com ensino e aprendizagem de línguas. As entrevistas foram gravadas entre os dias 20 de outubro a 28 de novembro de 2022. Os principais referenciais teóricos utilizados para o desenvolvimento do trabalho foram: Rojo (2019), Kalva e Paradiso (2018) e Crepaldi e Ferreira (2022). Os resultados concluem com efeitos significativos a elaboração do planejamento e execução do *videocast*, além de rendimentos na aprendizagem pessoal de acordo com cada tema dialogado.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem de língua estrangeira; Formação de professores; Línguas e comunicação; Podcast como método de ensino.

Abstract: Various genres in the realm of disseminating information on language teaching, learning and acquisition, such as articles, books and reviews, often pose challenges for the community seeking swift access to valuable insights. Addressing this issue, this article aims to highlight a university outreach initiative: the creation of a videocast named "Línguas InCast". The purpose is to efficiently convey essential topics in language education in a dynamic and engaging manner, offering a more accessible avenue for information consumption. This endeavor is intricately connected to Babel: UFRB's language extension program, which endeavors to propagate teaching methodologies and foster the ongoing training of language educators. In the case of "Línguas InCast", the participation of teachers and individuals from diverse backgrounds with varied experiences in language teaching and learning was sought. Interviews were conducted between October 20 and November 28 of 2022. The foundation of this work draws upon key theoretical references, notably Rojo (2019), Kalva and Paradiso (2018) and Crepaldi and Ferreira (2022), ensuring a robust framework for the development of the videocast. The outcomes reveal significant enhancements in the planning and execution of the videocast, accompanied by notable personal learning gains tailored to each discussed topic.

Keywords: Foreign language teaching and learning; Teacher training; Languages and communication; Podcast as a teaching method.

* Graduandas do Curso de Licenciatura em Letras-Libras e suas Literaturas na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB-CFP. Esse artigo trata-se de um relato de experiência acerca de uma atividade de extensão desenvolvida na UFRB. Foi orientado pela Profa. Me. Sirlara Donato Assunção Wandenolk Alves, professora assistente da UFRB e coordenadora do “Babel: programa de línguas da UFRB”.

1. Introdução

Este trabalho visa apresentar uma atividade de extensão realizada no “Babel: programa de extensão de línguas da UFRB”. A saber, o programa leva esse nome, pois a Torre de Babel é considerada um mito cristão utilizado para explicar as diferentes línguas faladas no mundo. De acordo com a história bíblica, falava-se apenas uma língua e após o dilúvio, um grupo de pessoas pretendeu construir uma torre alta o suficiente para alcançar o céu. Por conta disso (e por adorar outros deuses), Deus lançou à humanidade um castigo, fazendo com que todos os trabalhadores da obra falassem em línguas diferentes e, assim, não pudessem entender uns aos outros. A palavra “Babel” tem sua origem no hebraico e viria de *balal* que significaria confundir e devido a dificuldade na comunicação, a obra não foi concluída.

O programa de extensão surge exatamente da pergunta que nós, professores e futuros professores, faríamos caso estivéssemos lá: *Você, enquanto professor, o que teria proposto para solucionar o problema de comunicação na Torre de Babel?* E, desde então, esta é a pergunta que tentamos responder, através do projeto. Por essa razão, o programa desenvolve práticas que visam promover formação inicial e continuada de professores de línguas, ofertando cursos e oficinas de línguas, além de promover a popularização do ensino e aprendizagem de línguas e suas respectivas culturas.

Dessa forma, este trabalho trata-se de uma pesquisa reflexiva oriunda de um *videocast* – que tem como título “Línguas InCast” - Dialogando experiências sobre ensino, aprendizagem e aquisição de línguas –, visto que os conteúdos encontrados sobre essas temáticas estão disponíveis em formato de artigos, livros ou resenhas, isto é, em gêneros textuais majoritariamente acadêmicos. Os quais, por vezes, dificultam o acesso da comunidade a essas informações de maneira rápida e com uma linguagem que aproprie-se da comunicação popular.

Por isso, o *videocast* busca abordar temáticas de maneira mais dinâmica e lúdica, através do uso de recursos digitais que levam informações ao público interessado, com uma abordagem linguística menos formal, envolvendo trocas de experiências dos convidados que possuem conhecimento e experiências sobre os assuntos/temas. Neste sentido, concordamos com Rojo (2019, p. 23) quando afirma que:

precisamos ampliar o escopo da pedagogia do letramento, de modo que ela não privilegie indevidamente as representações alfabéticas, mas tragam para a sala de aula representações multimodais, em particular aquelas típicas da mídia digital. Isso torna a pedagogia do letramento mais engajada em suas conexões manifestas com o meio comunicativo de hoje.

Assim, é por meio do *videocast* que buscamos alcançar professores em formação inicial e continuada de línguas, como também os demais interessados em aprender e ensinar línguas em geral, podendo ser uma ferramenta educativa que possibilitará novas abordagens no ensino de línguas ao público que se identificar de alguma maneira com os conteúdos e temáticas apresentados, tendo essas uma relação mais direta com a contemporaneidade e realidade do receptor. Com isso, acreditamos que essa produção será capaz de “reforçar, complementar, substituir e engajar os estudantes, trazendo benefícios reais ao grupo, docentes e discentes” (Coelho, 2018, p. 82 *apud* Crepaldi; Ferreira, 2022, p. 3).

Diante desta necessidade, de popularizar os conteúdos científicos, as integrantes do programa, após discussão em grupo, decidiram criar um *videocast* com entrevistas com os convidados, realizando dinâmicas tanto para o entrevistado ficar mais à vontade, quanto para ser mais atrativo ao público. Nesse sentido, nos apropriamos das Tecnologias da Informação (TIC) como recurso didático, corroborando com o que indica Kalva e Paradiso (2018) sobre o aumento da motivação e do interesse dos alunos, no nosso caso, dos telespectadores, quando se apropriam de gêneros e plataformas digitais.

A escolha e realização de diferentes temáticas nas entrevistas do *videocast* ocorrem para que docentes e futuros docentes se inspirem e se conheçam melhor, para quando estiverem atuando na docência, assim como no aprendizado de novas línguas, a partir das vivências contadas pelos entrevistados. Vivências essas que são essenciais para nosso próprio aprendizado, diante de tantas divergências que encontramos tanto ao longo da graduação, quanto na atuação profissional e pessoal.

Realizadas as entrevistas, foram feitas as edições dos vídeos e gravada a interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras), adicionada aos vídeos, em razão de fazermos parte de uma universidade federal que busca a inclusão e acessibilidade. Assim, após a edição e interpretação de todos os *videocasts* já gravados, estes foram postados no canal do *Youtube* do Babel¹. Abaixo encontram-se as entrevistas disponíveis no canal do programa:

Tabela 1 — Entrevistas realizadas

CONVIDADO(A)	TEMA	LINK
--------------	------	------

¹ Link do canal: <https://www.youtube.com/@babelufrb>.

Fátima Luiza da Silva Santos	Ensino de línguas e a cinematografia	https://youtu.be/UT-x4M9IIP8
Yasmin Tournier Boppre	Surdez e aprendizado de línguas	https://youtu.be/oH_ghXsj2B4
Diogo Oliveira do Espírito Santo	Português como língua estrangeira	https://youtu.be/ErmrgkkGFGE
Mical de Matos Delfino Prates	Aquisição de línguas por crianças superdotadas	https://youtu.be/xu5VU1MWm8l

Fonte: As autoras.

A seguir, o artigo está organizado nas seguintes partes: na segunda seção, faremos uma reflexão voltada ao *videocast* como ferramenta de divulgação científica e ao modo como o processo de aprendizagem é feito, através do método sugestivo por nossa proposta. Na terceira seção, descreveremos a metodologia adotada para a realização do *videocast*; na quarta, faremos uma descrição mais detalhada de como ocorreram as entrevistas; na quinta seção, apontaremos os resultados obtidos na execução da atividade extensionista e o que aprendemos com as discussões realizadas, e, por fim, na última seção faremos as últimas considerações sobre nossa experiência e aprendizado.

2. Referencial teórico

2.1 Como se ensina e se aprende por meio de *videocast*?

Antes de falarmos sobre o aprendizado por meio de *videocast*, a priori, definiremos o que é *podcast*. De acordo com Bottentuit Junior e Coutinho (2007, p. 127), “o termo podcast resulta da soma das palavras Ipod (dispositivo de reprodução de áudio/vídeo) e broadcast (método de transmissão ou distribuição de dados) e daí a conotação acima referida”. Assim como o *podcast*, o *videocast* também possui o recurso de áudio, porém, neste formato contamos também com o visual. O multimodalismo dessa ferramenta corrobora com o nosso objetivo de tornar nossas discussões acessíveis, permitindo a disponibilização da tradução em Libras dos conteúdos e possibilitando o uso de recursos visuais, como as dinâmicas utilizadas nas entrevistas.

Diante desse ponto de vista, para refletir sobre as dinâmicas utilizadas no *videocast*, é necessário discutir e apresentar o conceito de lúdico, definido como uma ação ou intervenção que desperta diversão na pessoa (Cordovil et al., 2016). Pensando nisso, a criação de uma reprodução de dados através de vídeos com mecanismos que provocam divertimento ao produzir ou assistir, pode contribuir grandemente para transmissão de conhecimento. Outro aspecto importante a ser considerado ao conceber o uso de *videocast* como uma ferramenta facilitadora do aprendizado, é a motivação. Sobre os estudos acerca

da motivação no campo da Linguística Aplicada, em uma revisão sobre estudos relevantes na temática das emoções no processo de ensino e aprendizado de língua, somos apresentados a MacIntyre (2007 *apud* Aragão 2011), pioneiro nos estudos sobre motivação, que sugeriu que os pesquisadores ainda não deram atenção suficiente para os fenômenos emocionais, e também nos lembra sobre o conceito ou “hipótese do filtro afetivo” de Krashen (1988).

A teoria do filtro afetivo postulada por Krashen (1988 *apud* Yang, 2008, p. 63, tradução nossa) nos diz que “a hipótese do filtro afetivo incorpora o ponto de vista de Krashen de que um certo número de ‘variáveis afetivas’ desempenha um papel facilitador, mas não causal, na aquisição de uma segunda língua. Estas variáveis incluem a motivação, a autoconfiança e a ansiedade”². Ainda, Yang (2008) entende que a motivação, a autoconfiança, que são fundamentais no processo de aprendizagem, não é algo inato, mas sim construído não apenas pelo aprendiz, mas também pelo educador.

Neste sentido, nos arriscamos a entender que ao nos apropriarmos de um gênero digital para fazer a divulgação dessas questões em redes sociais, através da ludicidade, podemos gerar identificação dos telespectadores e, conseqüentemente, a motivação em aprender cada vez mais. Deste modo, utilizar o *videocast* em sala de aula pode ser benéfico para alunos e professores, pois permite que eles saiam de um método tradicional aplicado em sala, para um ambiente mais dinâmico e motivador. Além de assistir, podem ainda criar seu próprio *videocast* sobre determinado conteúdo e estimular a criatividade, oratória, trabalho em equipe e maior compreensão dos assuntos, uma vez que:

o podcast estaria sendo usado para substituir uma aula, por exemplo, correspondendo a perspectiva de ensino passivo 5, o qual se baseia no modelo tradicional – professor(a) ensina e o(a) aluno(a) aprende; já no uso suplementar, o(a) estudante é capaz de aprofundar conhecimentos, pode desenvolver algumas habilidades e explorar novas perspectivas; e, por último, na modalidade criativa é possível que os(as) estudantes criem ativamente o conhecimento por meio do uso de podcasts, portanto, corresponde a perspectiva de ensino ativo – o(a) discente é o(a) protagonista e autônomo no processo de ensino-aprendizagem, conseqüentemente, deixa de ser apenas um(a) receptor(a) de informações e passa a ser corresponsável pela busca dos meios para construir o seu conhecimento (Deal, 2007; McGarr, 2009 *apud* Crepaldi; Ferreira, 2022, p. 5).

² “The affective filter hypothesis embodies Krashen’s view that a number of ‘affective variables’ play a facilitative, but non-causal, role in second language acquisition. These variables include motivation, self-confidence and anxiety”.

Além disso, levar informações a um público externo, que ainda não conhece sobre essas questões, de uma maneira rápida e acessível pode possibilitar a autonomia do seu conhecimento.

2.2 Multiletramentos

O letramento surge em oposição ao conceito de alfabetização (Kleiman; Assis, 2016). Assim, enquanto o letramento refere-se ao processo de leitura e escrita de forma prática em situações que envolvem o meio social, a alfabetização trata-se do processo de decodificação da escrita. Entretanto, para que esse letramento seja eficiente, é necessário adotar aplicações pedagógicas diversificadas, com a intenção de melhorar o desempenho do alunado na elaboração de suas atividades, por efeito de uma didática de qualidade utilizando recursos pedagógicos, ofertados pelo educador, além do que já estão habituados. Porém, de acordo com Vianna *et al.* (2016), as práticas de letramento tradicionais, exclusivamente escolares, não têm conseguido acompanhar o letramento sofisticado fora do ambiente escolar. Diante disso, torna-se necessário que as escolas implementem projetos que se adequem às novas práticas de multiletramento, acompanhando e considerando a evolução cultural.

Posto isso, na perspectiva de Rojo (2019), o conceito de multiletramento pode estar dividido em duas esferas: na diversidade cultural e na diversidade de linguagens, onde os textos contemporâneos se apresentam. Isso graças à inovação das tecnologias, que permitem a multiplicidade de discursos que demandam o uso dos novos multiletramentos. Neste sentido, Vianna *et al.* (2016, p. 43) evidenciam que:

O foco dos pesquisadores adeptos desse conceito [multiletramento] são os contextos de ensino, com o objetivo de se repensar as mudanças nas práticas educativas de modo a desenvolver as habilidades necessárias para uma participação mais crítica nas práticas letradas multissemióticas.

Dessa forma, para que aconteça a implementação dos novos multiletramentos, é necessário que as instituições de ensino promovam a formação continuada dos educadores. E, por conta dessa necessidade, surge a elaboração do *videocast*, que por meio das discussões apresentadas, pode repensar e inovar suas metodologias utilizando recursos tecnológicos que incentivem a associação do aprendizado ao letramento cultural dos estudantes.

Nesse contexto, Vianna *et al.* (2016) ressaltam a importância de considerar as práticas de letramento em que os alunos participam fora da escola, a fim de aproximar as atividades realizadas em sala de aula das experiências vivenciadas pelos alunos em seu cotidiano. Permitir essa associação, traz um impacto significativo para o ambiente escolar,

pois, ao incentivar o aprendizado através da relação dos conteúdos com as suas vivências, o educador estará dando autonomia para seus estudantes resultando no aumento de participação e envolvimento dos mesmos.

3. Metodologia

Esta pesquisa apropria-se da abordagem qualitativa, por entender que essa seria a metodologia mais apropriada para o seu desenvolvimento. Sobre essa abordagem, concordamos com Gil (2011, p. 100), quando considera que a pesquisa qualitativa tem presente “a subjetividade, que permeia todo o processo de investigação social”. Ainda fez-se necessário nos apropriarmos de “estratégias indutivas” (Flick, 2009, p. 21), que, na abordagem qualitativa, permitem a construção de caminhos metodológicos conforme a experiência.

A ideia para a construção da metodologia do *videocast* se deu a partir das reuniões semanais do Babel, em que foram discutidas, entre os membros, possíveis atividades a serem realizadas, até que surgiu a ideia de produzir *videocasts* sobre ensino, aprendizagem e aquisição de línguas, convidando pessoas para discutir temas relacionados a esta área de pesquisa. Após a escolha dos convidados e dos temas de discussão, foi enviado o convite por *e-mail*. Seguida a resposta de aceite, os convidados foram informados sobre as possíveis datas e horários disponíveis para que escolhessem de acordo com a sua disponibilidade. Logo mais, discutiremos acerca do roteiro das entrevistas, que foram divididas em diferentes momentos, esses descritos mais abaixo. Além disso, foi criado um “Termo de Autorização”³ para uso de imagem e voz, com o fim de oficializar o aceite dos convidados e precaver possíveis embaraços futuros, visto que a intenção dos vídeos é de serem postados no canal do *Youtube* do programa. Conjuntamente, foi enviado o *link* da reunião, que foi realizada no *Google Meet*, previamente com a data e horário agendados para cada participante. Durante as reuniões da equipe, as entrevistas e as dinâmicas foram planejadas de acordo com o perfil e temas de discussão dos convidados. Também foi planejado como ocorreria a abertura e o encerramento utilizados em todos os *videocasts*.

4. Descrição e análise

Realizamos as entrevistas por meio de momentos, dos quais o primeiro foi iniciado com apresentações das entrevistadoras e do(a) convidado(a) que foi desafiado(a) a se apresentar em 60 segundos (o cronômetro foi apresentado na tela). Já no segundo momento, fizemos perguntas temáticas, ponto primordial do bate papo, porque desenvolvemos o tema escolhido. Para o momento da entrevista escolhemos a ferramenta *Wordwall*, que é programada para a criação de atividades que podem ser personalizadas

³ Termo utilizado e elaborado pelos membros do Babel. Disponível em: <https://forms.gle/UYM8cLTpdUArGtoRA>.

em vários modelos, onde também é possível criar jogos, competições, questionários, jogos de palavras e entre outros recursos didáticos. Esse recurso fundamental serviu para contextualizarmos o tema das perguntas feitas aos convidados, que escolhiam um número de 01 até 06 e cada a escolha revelava-se um tema e a(o) mediante fazia a pergunta.

Os temas selecionados foram: a) *peçoal*: quando a pergunta era feita diretamente sobre a vida pessoal do(a) entrevistado(a); b) *aprendizado*: quando queríamos saber como foi o processo de aprendizado do(a) convidado(a); c) *mito*: quando tínhamos questões/visões que uns acreditam ser de uma forma e outros acreditam que poderia ser de outra; d) *curiosidade*: quando pretendíamos conhecer algo que o(a) entrevistado(a) costuma fazer; e) *casos de família*: quando a pergunta envolvia o grupo familiar do(a) convidado(a); e f) *polêmica*: quando a pergunta era sobre algum assunto que o(a) convidado(a) poderia se sentir constrangido(a) dependendo da sua resposta.

Os temas desenvolvidos nas entrevistas foram: “Ensino de línguas e a cinematografia”, com a professora Fátima Luiza da Silva Santos⁴; “Surdez e aprendizado de línguas” com Yasmin Tournier Boppre⁵; “Português como língua estrangeira” foi o tema da terceira entrevista, com o professor Diogo Oliveira do Espírito Santo⁶ e a quarta entrevista com Mical de Matos Delfino Prates⁷, com o tema “Aquisição de línguas por crianças superdotadas”.

A saber, o objetivo de escolha do primeiro tema partiu da curiosidade em conhecer como a professora Fátima Luíza se apropria da cinematografia enquanto recurso no ensino de línguas, e como esse material autêntico auxilia no processo de aprendizado. Essa temática é interessante para que possa influenciar outros educadores a se atentarem quanto aos recursos metodológicos de ensino, expondo a importância do uso cinematográfico no dia a dia dos educandos, além de expor a valia de aprender com recursos tecnológicos que permitem o aprendizado mais prazeroso. Desse modo, Morán (2015 *apud* Monteiro, 2020, p. 18) apresenta que:

desafios e atividades podem ser dosados, planejados e acompanhados e avaliados com apoio de tecnologias. Os desafios bem planejados contribuem para mobilizar as competências desejadas, intelectuais, emocionais, pessoais e comunicacionais. [...] aprender pela descoberta, caminhar do simples para o complexo.

Sendo assim, essa "descoberta" torna a aquisição do conhecimento mais afável.

⁴ Professora substituta no CFP-UFRB, no período de 2021 e 2022, na área de língua inglesa.

⁵ Surda (que faz uso de aparelho auditivo) poliglota.

⁶ Professor efetivo no CFP-UFRB na área de língua inglesa.

⁷ Professora e intérprete de Libras, superdotada, esposa e mãe de superdotados.

Com o segundo tema sabemos com mais qualidade como a pessoa surda aprende línguas, quais as suas dificuldades e como lidar com elas, desmistificando a ideia de que um surdo não consegue aprender outras línguas. Além de mostrar que as limitações não impedem de fazer algo, mas dá possibilidades de fazer da melhor forma possível, desde que haja constância e disciplina, como a própria convidada, Yasmin Boppre, mencionou na entrevista. Conforme a convidada, é importante mostrarmos que a capacidade de um surdo aprender um idioma, “vai muito mais de uma aptidão individual, do que de uma deficiência”. Isso também corrobora com a “teoria do filtro afetivo” de Krashen (1988 *apud* Yang, 2008, p. 64, tradução nossa), a qual entende que a motivação pode

dar aos alunos a oportunidade de estabelecerem os seus próprios objetivos, para além ou em colaboração com os objetivos estabelecidos pelo programa de ensino, permite que os alunos reflitam sobre as suas razões para aprenderem uma segunda língua, o que, por sua vez, pode levar a uma maior motivação⁸.

Já com a escolha do terceiro tema, nos informamos de maneira mais assertiva sobre como são realizadas as atividades pelo professor Diogo Oliveira, compreendendo quais são as dificuldades encontradas durante o ensino e aprendizagem do Português para estrangeiros. Esse assunto é de grande importância para quem gostaria de atuar no ensino de Português para estrangeiros como língua adicional, pois, além de contar com dicas de como lidar com as dificuldades encontradas durante o ensino, também podemos encontrar recursos metodológicos para a realização das aulas e atividades, como, através do livro “Brasil Intercultural” escrito por Barbosa e Santo (2021), que apresenta conteúdos sobre o ensino de línguas por meio de materiais autênticos.⁹ Consequentemente, “utilizar as novas tecnologias para o ensino da língua se torna primordial, uma vez que os educandos podem aprender com aquilo que já usam, dando mais sentido a sua aprendizagem” (Kalva; Paradiso, 2018, p. 117). Tudo isso, abordando uma linguagem contemporânea, com o mesmo objetivo que abordamos nos *videocasts*: uma linguagem menos formal e com mais ludicidade.

Por fim, escolhemos o quarto tema com o intuito de nos inteirarmos sobre as altas habilidades e superdotação na infância e como essa condição pode influenciar no aprendizado de novas línguas, além de ser de suma importância sabermos sobre esse assunto, em função da possibilidade de encontrarmos alunos superdotados. Como

⁸ “Giving students the opportunity to establish their own goals, in addition to or in collaboration with those set by the instructional program, allows students to reflect on their reasons for learning a second language, which may in turn lead to increased motivation” (Krashen, 1988 *apud* Yang, 2008, p. 64).

⁹ “Os materiais autênticos são textos produzidos pelos próprios usuários daquela língua para consumo dos próprios usuários daquela língua. Já os materiais pré-fabricados são aqueles que são elaborados por educadores com o objetivo de ensinar aprendizes de determinada língua. Diante disso, ‘o termo ‘autêntico’ é usado em oposição à linguagem artificial pré-fabricada dos livros-texto e dos diálogos instrucionais; refere-se à forma não-pedagógica de uso da linguagem em situação natural de comunicação” (Kramsch, 1993, p. 175 *apud* Fontana, 2020, p. 76).

professores(as), devemos reconhecer a condição intelectual do(a) aluno(a) para que possamos saber como acolhê-lo e, ainda mais necessário, é que saibamos como estimular as habilidades que esse aluno possui, para que sua aprendizagem seja eficiente. Já que, de acordo com a convidada, Mical Delfino, a forma de aprendizagem de um superdotado é diferente porque envolve uma facilidade maior para aprendizagem de línguas e de outras habilidades, mas é necessário encorajamento, acolhimento e incentivo para possibilitar o desempenho com mais potencial. Diante disso, o(a) professor(a), sobretudo, precisa proporcionar em sua didática uma abordagem que estimule o desenvolvimento das atividades. Além do mais, é primordial que alunos com altas habilidades ou superdotação sejam identificados, cadastrados e atendidos na educação básica e na educação superior, acatando a Lei nº 13.234, de 29 dezembro de 2015¹⁰.

Além das razões mencionadas para a escolha dos temas, os escolhemos porque estão conectados com a nossa trajetória acadêmica e acreditamos serem interessantes para que outras pessoas – além de alunos de Letras, professores e futuros professores –, possam ter maior motivação em buscar outras formações que enriqueçam a sua docência.

Ainda, explicando sobre as estratégias utilizadas na realização das entrevistas, no terceiro momento, fizemos um desafio surpresa para o(a) convidado(a) na intenção de aprendermos ainda mais com eles. Cada desafio foi planejado seguindo os temas das entrevistas e apresentado ao final da entrevista, com o objetivo de deixar o momento mais descontraído tanto para os entrevistados, quanto para os espectadores, que também irão usufruir das informações importantes de cada resposta. Assim como nós, que realizamos a entrevista, pudemos aprender os mitos e verdades sobre aprender Inglês no Brasil e saudações em diferentes idiomas, também tivemos dicas de como abordar assuntos complexos do Português, como: expressões vocativas, tempo verbal, as palavras que possuem significados diferentes a depender do contexto e metáforas da língua portuguesa, e ainda uma música estrangeira traduzida e interpretada para a Libras.

Já no quarto e último momento, os convidados falaram sobre seus trabalhos em andamento e encerramos a entrevista com os agradecimentos. Agora, relataremos como aconteceu a metodologia de uma das entrevistas, pois, apesar de cada conversação possuir características específicas, utilizamos a proposta de um roteiro em comum para todas as entrevistas.

4.1. Primeira entrevista

¹⁰ Esta Lei dispõe sobre a identificação, o cadastramento e o atendimento, na educação básica e na educação superior, de alunos com altas habilidades ou superdotação.

A primeira entrevista foi realizada no dia 20 de outubro de 2022, com início às 10 horas da manhã. A convidada foi a professora Fátima Luiza da Silva Santos, substituta no Centro de Formação de Professores – CFP/UFRB. A entrevista foi realizada pelo *Google Meet* e gravada pelo aplicativo “Gravador de tela do Windows 11 *screen recorder app*”. Assim que a convidada entrou na reunião, foi informada sobre a gravação, mais uma vez, e que as mediadoras se apresentariam e, assim, iniciaram a entrevista. Os momentos foram divididos da seguinte forma:

Primeiro momento: teve início com uma breve apresentação das mediadoras e boas-vindas à convidada, com a seguinte fala: “Agora iniciaremos o nosso ‘Línguas InCast’ com o tema: Ensino de línguas e a cinematografia, apresentado por nossa convidada Fátima Luíza, seja bem vinda! E para começarmos temos um desafio para você, e aí topa? Em 60 segundos responda a seguinte pergunta: *Quem vai conhecer você precisa saber que a Fátima é... a partir de agora!*. Como apoio dessa dinâmica, foi apresentado um cronômetro na tela para que a entrevistada pudesse compreender a atividade proposta. A essa pergunta, a convidada respondeu da seguinte forma (descrição encurtada): “Pernambucana, formada em Letras, mestrado em Cinema, apaixonada por Literatura, fala Português, Inglês, Espanhol e Francês [...]”.

Propusemos essa atividade com a intenção de que a convidada se mantivesse no tema por meio de um limite de tempo, em virtude do cronômetro apresentado na tela, além de trazer informações de nível pessoal e profissional que permitem, ou podem permitir, a identificação com os telespectadores.

Segundo momento: para realizarmos uma entrevista mais dinâmica, utilizamos a ferramenta *Wordwall*.¹¹ Numeramos temas para cada pergunta a ser feita à professora, que ao escolher um número, revelava o tema e uma das mediadoras a questionava de acordo com o tema escolhido. As seguintes perguntas, descritas aqui resumidamente, foram feitas e respondidas respectivamente :

Tabela 2 — Perguntas realizadas a convidada

TEMAS	PERGUNTAS	RESPOSTAS
Pessoal	De onde surgiu seu interesse pelo inglês, pela cinematografia e seus trabalhos de pesquisa e extensão?	<i>Meu interesse pelo inglês surgiu através de assistir vídeos musicais na TV, junto com meu irmão durante a infância.</i>
Aprendizado	Em que momento você percebeu que o contato com os filmes, séries	<i>Foi quando comecei a aprender o inglês e gostava de assistir programas de tv</i>

¹¹ Link da dinâmica: <https://wordwall.net/resource/51959153/gire-para-selecionar-um-tema>

	e músicas poderiam auxiliar no processo de aprendizado de uma língua?	<i>relacionado à músicas, para aprendê-las e também gostava de pegar cenas de séries que assistia com temas atuais, para reproduzir em sala de aula com os meus alunos do estágio.</i>
Mito	O sotaque do português brasileiro pode influenciar a compreensão da pronúncia na língua inglesa?	<i>Sim, porém não é um problema é uma chave, já que todo mundo que fala uma segunda língua tem influência da sua primeira língua na pronúncia.</i>
Curiosidade	Como se apropria do material autêntico (livros, filmes, séries e clipes) enquanto recurso para o ensino de língua?	<i>Quando assisto algo ou ouço alguma música, penso em como posso trabalhar em sala de aula e qual competência pode ser trabalhada com esse material.</i>

Fonte: As autoras.

Terceiro momento: para encerrarmos a entrevista, fizemos um desafio surpresa para a professora, com a brincadeira “Duas verdades e uma mentira”,¹² na qual ela teria que nos contar duas verdades e uma mentira sobre ensino e aprendizagem da língua inglesa, já nós deveríamos identificar quais são as verdades e qual é a mentira. As questões foram essas: a) É possível aprender inglês no Brasil e ficar fluente? → Verdade; b) Aprender gramática de um idioma não é necessário? → Mentira; c) Fluência tem mais a ver com comunicação efetiva do que com conhecimento total do idioma? → Verdade.

Quarto momento: Pedimos a convidada para falar de seus projetos em andamento, logo após, encerramos a entrevista com agradecimentos.

5. Resultados

Com base nas entrevistas, aprendemos que há diversas formas de ensinar e aprender uma língua como, por exemplo: o uso da cinematografia como recurso didático pode tornar esse ensino/aprendizagem mais agradável, devido a abordagem metodológica que prende a atenção do aluno, na razão de trabalhar algo do contexto comum ao que ele vive diariamente. De acordo com a experiência relatada por Yasmin Boppre, aprendemos que a surdez não impede o aprendizado de outra língua, porém o processo de aprendizado depende bastante da constância e da disposição do indivíduo do que da "deficiência" em si. Embora, seja do ponto de vista da experiência da entrevistada, entendemos que há estudos sobre a importância dos estímulos e das estratégias didáticas adequadas, e que,

¹² Tradução do inglês: Two truths and a lie.

assim como há múltiplas “deficiências”, é necessário que haja estratégias de ensino e aprendizado que alcancem as diferenças desses indivíduos.

A partir das entrevistas, pudemos conhecer mais sobre a área de ensino de Português como língua adicional para os alunos de outros países, aprendemos que mesmo falando apenas uma língua ninguém é monolíngue, pois existe uma diversidade cultural e linguística dentro dos grupos sociais existentes em cada país, tornando-os multilíngues. Também conhecemos os materiais e as metodologias de ensino com abordagem translíngue, que auxiliam no processo de aquisição dos alunos que não tem a língua portuguesa como língua nativa e valorizam suas vivências, identidades, experiências e as línguas que já sabem.

Ainda aprendemos que precisamos nos capacitar cada vez mais para atender o aluno dentro de sala de aula com equidade, já que cada aluno possui um aprendizado diferente, principalmente aquele que é atípico e possui altas habilidades e superdotação. Precisamos estar preparados para reconhecer essa atipicidade que muitas vezes não é notada nem pelos pais e muito menos identificada neuropsicologicamente. O educador com a visão ampliada e capaz de reconhecer alunos com Altas Habilidades e Superdotação (AHSD), “aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade” (Brasil, 2009, p.17), em sala de aula, poderá não só ofertar uma metodologia que atenda às necessidades de aquisição linguística como também estimular o aprendizado do seu educando, ratificando, mais uma vez, a “teoria do filtro afetivo” de Krashen (1988) apresentada por Yang (2008), dado que a motivação, a autoconfiança e a ansiedade são variáveis que executam um trabalho de facilitar a aquisição de uma segunda língua.

6. Considerações finais

Consideramos que essa experiência e esse material possuem informações que podem ser de grande auxílio para aprendizes e professores de línguas. Esperamos que quem assista aos *videocasts*, escolha pelo tema que mais desperte sua curiosidade, aprenda e se divirta assistindo, visto que o conteúdo foi produzido pensando no aprendizado de forma leve e dinâmica. A construção dessa atividade contribuiu para a nossa reflexão sobre os métodos de ensino e de aprendizagem no meio acadêmico e como o uso de métodos atuais podem transformar o ensino e a aprendizagem tornando-os mais interessantes, prazerosos e estimulantes tanto para o docente quanto para o discente.

Referências

ARAGÃO, Rodrigo Camargo. Emoção no ensino/aprendizagem de línguas. In: ANDRADE, Mariana Rosa Mastrella-De (org.). *Afetividade e emoções no ensino/aprendizagem de línguas: múltiplos olhares*. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 163-189. *E-book*. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/321753736_Emocao_no_EnsinoAprendizagem_de_Linguas. Acesso em: 04 dez. 2023.

BARBOSA, Cibele Nascente; SANTO, Diogo Oliveira do Espírito. *Brasil intercultural: livro de exercícios: níveis 1 e 2: Língua e cultura brasileira para estrangeiros*. Buenos Aires: Casa do Brasil, 2021. *E-book*. p. 111. Disponível em:

https://brasilintercultural.com.ar/files/ciclo_basico2_manual_docente.pdf. Acesso em: 08 abr. 2024.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. Recomendações para Produção de Podcasts e Vantagens na Utilização em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. *Prisma.Com*, Porto, n. 6, p. 125-140, dez. 2022. Disponível em:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8001/1/Recomenda%c3%a7%c3%b5es%20Podcast.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2023.

BRASIL. Resolução nº 4, de 02 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília, DF, *Diário Oficial da União*, 05 out. 2009. Seção 1, 17-17. Disponível em:

<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/897119/pg-17-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-05-10-2009>. Acesso em: 08 abr. 2024.

BRASIL. *Lei nº 13.234, de 29 de dezembro de 2015*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a identificação, o cadastramento e o atendimento, na educação básica e na educação superior, de alunos com altas habilidades ou superdotação. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13234.htm. Acesso em: 17 jan. 2023.

CORDOVIL, Ronara Viana *et al.* Lúdico: entre o conceito e a realidade educativa. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 8., 2016, Campina Grande. Anais VIII FIPED. Manaus: Universidade do Estado do Amazonas – Normal Superior – UEA/ENS, novembro. 2016. n.p. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/25409>. Acesso em: 03 abr. 2023.

CREPALDI, Thiago Augusto Arlindo Tomaz da Silva; FERREIRA, Sueli Heloisa Doriguetto. As possibilidades do uso de podcast no ensino superior: uma breve revisão. *Pesquisa e Debate em Educação*, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 1-18, jul./dez. 2022. Disponível em:

<https://doi.org/10.34019/2237-9444>. Acesso em: 08 abr. 2024.

FONTANA, Beatriz. Material autêntico, educação linguística em línguas adicionais e as novas tecnologias. *Pedagogia Cotidiano Ressignificado*, [s. l.], p. 74-80, 26 jul. 2020. Disponível em: https://rpcr.com.br/index.php/revista_rpcr/article/view/4/4. Acesso em: 05 dez. 2023.

KALVA, Lucilea; PARADISO, Silvio Ruiz. O multiletramento e as novas tecnologias educacionais: alguns apontamentos em relação ao ensino da língua inglesa. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 40, n. 1, p. 105-117, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5212/uniletras.v.40i1.0009>. Acesso em: 19 jan. 2023.

KLEIMAN, Angela Bustos; ASSIS, Juliana Alves. *Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita*. São Paulo: Mercado de letras, 2016.

MONTEIRO, Yuri Santos. Tech tools: o uso de ferramentas tecnológicas no ensino de língua inglesa. *Revista Docentes*, Fortaleza, v. 5, n. 12, p. 31-37, ago. 2020. Disponível em: <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/243>. Acesso em: 11 jan. 2023.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Como se aprende uma língua estrangeira. In: ANASTÁCIO, Elismar Bertoluci de Araújo; MALHEIROS, Elismar Bertoluci de Araújo; FIGLIOLINI, Marcia Cristina Rocha (org.). *Tendências contemporâneas em letras*. Campo Grande: Editora da UNIDERP, 2005. p. 127-140. E-book. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1t6D5SFZN_t1lbYye7cJ1lkFRGpQF1bZs. Acesso em: 11 jan. 2023.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Letramentos: 1. letramentos da escrita e do impresso 2. multiletramentos 3. novos letramentos. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues. *Letramentos, mídias, linguagens*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019. p. 22-23.

VIANNA, Carolina Assis Dias et al. Introdução do letramento aos letramentos: desafios na aproximação entre letramento acadêmico e letramento do professor. In: KLEIMAN, Angela Bustos; ASSIS, Juliana Alves (org.). *Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2016. E-book. p. 27-59. Disponível em: <https://www.mercado-de-letras.com.br/resumos/pdf-15-08-16-19-55-49.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2024.

YANG, Hong. On teaching strategies in second language acquisition. *Us-China Education Review*, v. 5, p. 61-67, jan. 2008. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED502535.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2023.

Recebido em 17 de abril de 2023
Aceito em 11 de dezembro de 2023